

1

Algumas Considerações sobre a Problemática do Falo em Freud e Lacan

1.1

O conceito de falo

O termo “falo” aparece na teoria psicanalítica primeiramente em Freud e é retomado posteriormente por Lacan. Trata-se de um conceito problemático, pois induz a inúmeros enganos quanto ao que ele se refere de fato. Podemos partir da indagação: o que é o falo?

Sabe-se que existe relação entre o falo e o pênis, sem a qual o emprego deste vocábulo não faria qualquer sentido, no entanto, somos inicialmente advertidos para sermos cuidadosos, já que o falo não é o pênis.

Vemos que no artigo intitulado “A organização sexual infantil – uma interpolação à teoria da sexualidade” é introduzido por Freud o *primado do falo* (1923, p. 158). O texto traz esta novidade à teoria da sexualidade; trata-se de uma interpolação com o que já havia sido desenvolvido a esse respeito no célebre artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Segundo Freud, o elemento organizador da sexualidade é o falo. Não podemos esquecer que ele não o confunde com o órgão sexual masculino, mas sim com a representação que se constitui com base nesta parte anatômica.

Encontramos, ainda no texto “A Organização Genital Infantil”, avanços quanto a questão da feminilidade. Nesse artigo, ao expor a teoria do primado do falo no primeiro período da infância, Freud vai delimitar suas elaborações sobre a sexualidade feminina. Para ele, mesmo não ocorrendo uma primazia dos órgãos genitais como nos adultos, o interesse das crianças de ambos os sexos pelo pênis é inegável e dominante.

[...] a característica principal dessa organização genital infantil é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. (Freud, 1923, p. 180).

Aqui a elaboração freudiana de que meninos e meninas compartilham a *universalidade do pênis* é reformulada e passa a ser nomeada de *primado do falo*¹. “O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (*Ibid*).

Ao descrever as principais teorias sexuais formuladas pelas crianças, Freud afirma que a primeira teoria sexual elaborada pelas crianças decorre do desconhecimento da diferença entre os sexos. As crianças atribuem um pênis a todas as pessoas, inclusive à sua mãe. Ao se depararem com os órgãos genitais femininos, o menino conclui que o pênis da menina ainda é pequeno já que ela também é pequena, mas quando ela crescer, seu órgão também será grande. Freud esclarece que a ideia da universalidade do pênis leva ao desconhecimento da existência da vagina.

Como a vagina ainda não foi descoberta por ambos os sexos, não existe, portanto, a antítese masculino-feminino. Não sendo ainda considerado o sexo feminino, o que existe é a antítese castrado – não castrado. O menino compreende o sexo feminino como falta de pênis, pois a anatomia feminina nada dá a perceber (Freud, 1923, p. 161).

É importante ressaltar que a formulação freudiana sobre a primazia do *falo* é essencial para compreender o feminino, visto que permite compreender o falo de duas maneiras: como presença (nos meninos) ou ausência (nas meninas). Assim, ao atentar para aquilo que indica a diferença do feminino frente ao masculino, o feminino seria remetido a uma falta. Não se trata da falta de um órgão, o pênis, mas de um símbolo do sexo feminino.

É importante ter em mente que a teoria da sexualidade em Freud não tem nada de desenvolvimentista, ao contrário, ele rompeu com qualquer perspectiva de desenvolvimento. A noção de sexualidade proposta por ele é articulada no inconsciente e, portanto, não é fundamentada pela biologia ou tampouco pelo instinto, mas pela pulsão (Elia, 2004, p. 62).

Consideramos importante falar brevemente sobre este conceito. O termo alemão *Trieb* foi empregado por Freud exatamente para evitar implicações de termos equivocados como *Instinkt* (instinto). Trata-se de um conceito limite entre

¹ Essa modificação assinala um ponto fundamental: “se o falo tem uma relação íntima com o órgão masculino, é na medida em que designa o pênis enquanto faltoso ou suscetível de vir a faltar” (André, 1998, p. 172).

o somático e o psíquico, a respeito do qual Freud enfatiza seu caráter energético e afirma que este não possui um objeto específico. Fica claro que ele tenta se afastar de qualquer abordagem naturalista.

A curiosidade infantil leva as crianças a descobrirem a diferença anatômica entre os sexos. Porém, a observação de que o menino tem algo e a menina não leva a criança para além da realidade perceptiva. A criança irá construir imaginariamente sua realidade psíquica que pressupõe que ali onde não tem, falta alguma coisa. A noção de falta de um objeto é, pois, fruto de uma elaboração psíquica da criança diante da diferença anatômica entre os sexos. O falo é, portanto, o objeto que falta.

A leitura lacaniana deixa claro que o falo não designa uma fase, e sim um ponto de articulação. Trata-se de um significante ordenador. O falo é um significante² (Lacan, 1958, p. 693). Ele permite ao sujeito o acesso a um ponto para o qual não há qualquer significante, ponto este em que o sexual como tal é representado no inconsciente. Não foi à toa que “Freud chamou de castração, o ponto em que o próprio falo, como significante, incide como faltoso” (Elia, 2004, p. 66).

Segundo Lacan, o complexo da castração inconsciente, em sua vinculação fundamental com o falo, tem uma função de nó. Esta está ligada na estruturação dos sintomas quanto ao que é analisável nas neuroses, perversões e psicoses, e na regulação que “instala no sujeito uma posição no inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo, nem como responder às necessidades de seu parceiro na relação sexual” (1958, p. 692).

Lacan esclarece essa questão justamente por situar o falo não como um mero órgão do corpo, tampouco como um objeto imaginário, nem mesmo como uma fantasia, mas como um significante, um operador simbólico que possibilita o sujeito se situar frente a seu desejo. “E de saída, porque falar de falo e não de pênis? É que não se trata de uma forma ou de uma imagem ou de uma fantasia, mas de um significante, o significante do desejo” (Lacan, 1958, p. 696).

² Lacan chega ao conceito de significante a partir de uma releitura dos textos de Freud a qual articula com a linguística de Saussure. O significante é pré-existente ao sujeito, enquanto o significado da fala do mesmo está diretamente relacionado à relação de oposição de um significante ao outro. No *Seminário 20: Mais, ainda*, Lacan afirma que *o significante é primeiro aquilo que tem efeito de significado, e importa não elidir que, entre os dois, há algo de barrado a atravessar* (1972, p. 25).

Portanto, o falo é esclarecido por sua função. O falo permite ao sujeito se representar diante do que não possui qualquer representação no inconsciente, ou seja, a diferença sexual, o sexo (*Ibid*, p. 701). Entendemos que o sujeito irá poder se posicionar como homem ou mulher ao atravessar a castração e se deparar com a inexistência de um significante que defina a posição de cada sexo no inconsciente. Cabe ao sujeito situar-se quanto ao seu desejo.

A relação do sujeito com o falo é estabelecida desconsiderando a diferença anatômica entre os sexos e, exatamente por isso, apresentar-se-á como uma questão especialmente espinhosa na mulher (Lacan, 1958, p. 286), como veremos adiante.

A leitura lacaniana, não fala em gêneros, mas em sexuação. A sexuação se refere ao todo de passos, operações e impasses que o sujeito dá e atravessa para, por fim, se situar como homem ou mulher. Não se entende como possível que esses lugares sejam ocupados a priori, como se fosse uma tendência inata.

O falo é o significante que define como homens e mulheres se posicionam na relação entre os sexos. “O semblante fálico é o significante mestre da relação ao sexo” (Soler, 1998, p. 199). É ele que irá organizar a diferença entre homens e mulheres, assim como suas relações.

1.2

Ser o falo / ter o falo

O falo é o significante que organiza a diferença dos sexos e a maneira como os sujeitos se relacionam. Veremos agora como isso ocorre.

Segundo Freud, o homem subjetiva o sexo sob o modo: “eu tenho o falo” e a mulher sob o modo: “eu não o tenho”. Lacan nos lembra, no entanto, que nenhum dos dois o tem na realidade, pois o homem estará sempre às voltas com o temor de que venham a levar o seu. Isto posto, estes dois modos geram posições diferentes. Já que a mulher não o possui, a saída encontrada por ela é fazer parecer “ser o falo” de um homem, o que faria possível completar seu parceiro castrado.

Lacan denomina a relação dos sexos de *comédia* (1958, p. 701) exatamente porque, nesta, estamos detidos no âmbito do parecer, pois nem o homem tem o falo e nem a mulher o é.

Na verdade, ninguém tem o falo. O que ocorre é que o homem se protege da falta por meio do “ter”, já que ele tem no corpo o suporte imaginário do falo. No caso da mulher, ela encontra como meio de proteção esconder a falta por meio de mascaradas, fazendo-se de falo, ou seja, sendo o que não tem.

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada (Lacan, 1958, p. 701).

Com efeito, é preciso lembrar a famosa frase lacaniana que diz que a relação sexual não existe (1972, p. 40). Essa frase diz respeito ao impossível da completude entre os sujeitos humanos, da não proporção entre os sexos.

A mulher não será jamais tomada senão quoad matrem. A mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe. [...] Para esse gozo que ela é, não toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse a que será seu filho (Lacan, 1973, p. 49).

A noção da falta de objeto está associada à noção de falo, que é o objeto da falta, objeto pivô de toda experiência humana. Diante disso, entendemos que o falo é o significante da falta.

Assim, todo e qualquer sujeito é marcado pela falta, tanto o homem como a mulher. No entanto, segundo Lacan as mulheres, além dessa falta-a-ser sofrem de uma outra: *a falta de um significante específico de seu sexo* (1972, p. 14). Há assim uma dupla falta na mulher: como sujeito e como mulher. O único representante do sexo no inconsciente, como vimos, é o falo que é masculino.

Como só existe um sexo que pode ser representado no inconsciente, o masculino, a mulher não encontra possibilidades de representar o dito ‘Outro sexo’, já que ele não existe. Enquanto o homem tem um representante de seu sexo no inconsciente, a mulher não o tem. Diante desse Outro sexo inassimilável, nada pode ser dito.

Lacan afirma que a mulher não existe porque não existe representante de seu sexo no inconsciente. A mulher *não é toda* (1972, p. 14). Por isso as mulheres precisam inventar-se *uma a uma* (*Ibid*, p. 17).

Para entender melhor esse ponto, tomemos a situação do bebê humano. Em 1957 - 58, em seu seminário sobre “As formações do inconsciente”, Lacan se propõe a discutir o complexo de Édipo formalizando-o em três tempos lógicos.

No primeiro tempo lógico do Édipo, a criança procura satisfazer o desejo da mãe. A questão que se coloca para a criança é: ser ou não ser o falo da mãe. Nesse primeiro tempo, Lacan se refere à criança como um *assujeito*, ou seja, um não sujeito. Isto porque a criança encontra-se totalmente assujeitada à lei caprichosa da mãe, de quem depende totalmente.

Vemos que quem introduz o infante ao mundo da linguagem é sua mãe. É ela que irá inscrever o bebê no universo discursivo, simbólico. Inicialmente, o universo da criança é regido pelos desejos e fantasias da mãe, os quais lhe são desconhecidos.

Desse modo, percebemos que “o primeiro dito da vida da criança é o da mãe, e não o da própria criança” (Zalberg, 2007, p. 33). Por isso, o sujeito nunca terá acesso a essa parte de sua própria história, já que ela não foi escrita por ele mesmo, mas sim pelo Outro: “seu próprio começo está no Outro; não nele” (Lacan, 1957 – 58, p. 154).

É fundamental destacar que existe algo no Outro que é inassimilável e enigmático; e isso faz com que o sujeito sofra de uma falta-a-ser, uma vez que ele não pode ser representado completamente, há algo que escapa e é impossível de ser apreendido pelas palavras.

Lacan irá se perguntar como a criança percebe que à sua mãe onipotente falta alguma coisa e como ela, a criança, vai se encarregar de dar à mãe o objeto desejado.

Quando a criança entra em um novo registro, diferente da relação dual, primitiva com a mãe, ela ingressará na fase que Lacan nomeou de “engodo”. Para ele, essa é uma etapa crucial que está antes do Édipo. Nesse momento, a criança se oferece à mãe como o “objeto enganador” com o intuito de satisfazer o seu desejo.

É nesse registro do “engodo” que entra em cena o falo, significante fundamental ao qual a criança se identifica. Identificada ao falo, a criança se faz de objeto enganador à falta constatada na mãe³.

³ Barros, R.R., 2011. Curso “Mães Lacanianas” ministrado por Marcus André Vieira e Romildo Rêgo Bastos, na Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio (inédito).

Na relação primordial com a mãe, [o filho] tem a experiência do que falta a ela: o falo, [...] Eis que ele se empenha em satisfazer [nela] esse desejo impossível de preencher numa dialética de engano, por exemplo, em atividades de sedução, todas ordenadas em torno do falo [simbólico] presente-ausente (Lacan, 1958, p. 700).

Trata-se nesse momento, de uma tríade imaginária, do triângulo pré-edípico, a saber: mãe, criança e falo. A criança simboliza para a mãe a realização do desejo de falo. “Se a mulher encontra na criança uma satisfação é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que o satura” (Lacan, 1957, p. 71).

Lacan enfatiza o que já foi explicitamente colocado por Freud: a mulher tem como uma de suas faltas essenciais, o falo. Esse não é o pênis, é um significante definido no triângulo pré-edípico, como imaginário. Para a mulher não se trata de uma falta real, mas de uma falta imaginária. A criança representa para a mulher o resultado de uma equação simbólica pênis=criança, o substituto imaginário do falo que lhe falta.

As coisas então passam a se encaixar da seguinte maneira:

Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim, a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do Outro, por já se opor a que o sujeito se satisfaça em apresentar ao outro o que ele pode *ter* de real que corresponda a esse falo, pois o que ele tem não vale mais que o que ele não tem para sua demanda de amor que quereria que ele o fosse (Lacan, 1958, p. 701 e 702).

Nesse ponto do desenvolvimento de sua teoria, Lacan se pergunta: “O que acontece na medida em que a imagem do falo para a mãe não é completamente reduzida à imagem da criança?” (Lacan, 1956, p. 71), ou seja, o que acontece quando a criança não satura mais para a mãe, sua necessidade de falo?

Miller (1996) chama a atenção para o fato do desejo feminino ser dividido, ou seja, a criança promove a divisão do sujeito feminino entre mãe e mulher. Isso quer dizer que a criança não será tudo para sua mãe e que o desejo dessa deve se dirigir também para um homem. No entanto, se não existir na mãe um desejo outro, que aponte para algo que a satisfaça fora da relação mãe-filho, este estará condenado a alienação máxima, ficando completamente preso em seu ser de objeto, permanecerá propriedade da mãe (Soler, 2005, p. 95).

Em “Nota sobre a criança” (1969), Lacan fala das consequências clínicas quando a criança satura para a mãe seu desejo de falo. Quando o desejo da mãe não é mediado pelo pai, e a criança satura para a mãe sua necessidade de falo, a criança não tem outro lugar que não seja o de objeto da mãe.

1.3

O falo como significante da Lei

Segundo Lacan, a castração não é constituída apenas pela ameaça que provoca angústia no menino, ou pela constatação de uma feita pela menina, o que acaba por provocar a inveja do pênis, como veremos em um momento posterior de nosso trabalho. O que é fundamental na castração é que ela separa a criança da mãe.

A criança encontra-se, nesse momento inicial, numa relação de assujeitamento ao desejo materno, identificada ao seu objeto de desejo. Como vimos, a criança é colocada na posição de falo imaginário da mãe e identifica-se com esse lugar com o intuito de preencher o desejo materno, na posição de se fazer objeto do que é suposto faltar à mãe.

O objeto de desejo materno que poderia preencher sua falta é o falo. Se o desejo da mulher é ter o falo a criança buscará se identificar, ela mesma, com o falo. Para a criança é crucial que ela venha ocupar um lugar no desejo do Outro.

Lacan fala de uma relação triangular entre criança-mãe-falo e afirma “a relação do filho com o falo se estabelece na medida que o falo é o objeto do desejo da mãe” (1958, p. 700).

É nesse ponto que deve ser introduzido o papel do pai. O pai irá intervir de inúmeras formas, mas primordialmente atua interditando a mãe. É nisso que consiste o fundamental do complexo de Édipo em que o pai fundamenta a lei da proibição do incesto. Cabe ao pai representar essa proibição (Lacan, 1958, p. 174).

No complexo de Édipo o pai não se resume a um objeto real, mesmo que possa intervir como tal. Segundo Lacan, o pai também não é um objeto ideal, na verdade, *o pai é uma metáfora* (Ibid, p. 180). Ele explica que uma metáfora é um significante que surge no lugar de outro.

Sendo assim, o pai é um significante que irá surgir no lugar de outro, ou seja, a função do pai no complexo edípico é substituir o primeiro significante que foi introduzido na simbolização, o significante materno (*Ibid*, p. 180). Na medida em que o pai substitui a mãe como significante uma metáfora é produzida. Dito de outra forma, o significante Nome-do-Pai vem barrar o Desejo da Mãe. A resposta possibilitada por essa operação é possibilitar a significação fálica, a significação dada ao Desejo da Mãe. O Desejo da mãe é escrito com D maiúsculo pois ele se traduz como uma vontade sem Lei. A significação fálica será exatamente a significação de que há alguma Lei que regula este desejo materno poderoso.

A lei simbólica colocada através da palavra paterna castra ao mesmo tempo as pretensões da mãe ter o falo e as do filho de ser o falo. Isso implica que a criança precisa renunciar em ser o objeto de gozo materno e a mãe, por sua vez, deve renunciar considerar a criança objeto de seu gozo.

Para Lacan essa Lei se estrutura como linguagem e no inconsciente. No texto “A significação do falo”, Lacan pontua que o futuro da criança irá depender a lei introduzida pelo pai e da colocação desta em ato.

No que se refere a instância paterna, esta se introduz inicialmente de uma forma velada, mesmo que exista o pai da realidade. “[...] a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la” (Lacan, 1958, p. 200). Em um segundo momento, o pai se afirma como privador e suporte da lei. Nesse tempo, o pai não aparece mais como velado, mas, mediado pela mãe. Por fim, o pai intervém como aquele que tem o falo. Nesse ponto se dá a identificação com o pai que foi nomeada *Ideal do eu*.

Contudo, no que concerne a menina, a identificação fálica que se realiza à sua saída do Édipo, a estrutura como sujeito desejante, mas não é suficiente para resolver sua questão identificatória.

1.4

Algumas articulações sobre o Ideal do eu

A conclusão do terceiro tempo do Édipo está correlacionada à identificação com o pai como um ideal, tanto para o menino quanto para a menina. “É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no

sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina” (Lacan, 1958, p. 201).

Lacan propõe quanto a este ponto uma delicada distinção entre o Ideal do eu e o que seria o Eu Ideal.

Para Lacan (1960) o eu ideal seria uma “aspiração” enquanto o ideal do eu consistiria em um “modelo”. Ou seja, o primeiro se refere àquilo que se pretende ser, e o segundo, ao que serve como uma fonte simbólica para essa ambição. “A minha aspiração é de ser um eu que nunca sou completamente mas que me define, e meu modelo é um ponto de referência que só pode ser pensado no futuro” (Barros, 1997, p. 25) ⁴.

Portanto, pode-se entender a partir disso que a aspiração que o sujeito se reconhece é articulada com um ideal no outro. Trata-se do lugar simbólico que o sujeito irá adquirir de sua consistência imaginária (*Ibid*, p. 26). O ideal do eu corresponde, segundo Lacan, a uma virada, ou seja, o que era amor ao pai, transforma-se em identificação. Ele desempenha uma função tipificadora no desejo do sujeito, isto é, ele está ligado à assunção do tipo sexual.

Lacan exemplifica como ocorre a articulação entre eu ideal e ideal do eu no *Seminário 8: A transferência*. Ele fala de dois personagens - o filhinho do papai, que dirige seu carro em alta velocidade e Marie-Chantal, que, tendo em vista irritar seu pai, liga-se ao Partido Comunista. Vemos que ambos fazem alguma coisa e o que fazem é endereçado a alguém. É presumível que o rapaz pretende impressionar uma garota e Marie-Chantal quer atingir seu pai (Lacan, 1960 - 61, p. 329).

No entanto, como aponta Lacan, não é necessário que haja uma garota concreta para propiciar o comportamento do rapaz, assim como não é imprescindível que Marie saiba exatamente no que consista o comunismo. O que está em jogo aqui é a maneira pela qual o sujeito quer ser reconhecido e, para isso, se vale desse faz-de-conta teatral na qual mostra uma maneira de ser. O rapaz é um playboy e Marie é uma comunista. Aqui estamos diante das características do

⁴ Esta distinção é muitas vezes difícil de ser vista nos textos freudianos e induz a alguns equívocos. Entendemos que a distinção se ancora na dupla origem do eu: de um lado está sua origem pulsional (narcisismo primário) e do outro, sua dependência do mundo externo (Barros, 1997, p. 20) O hipotético circuito fechado pensado por Freud para caracterizar um estado em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. Freud entende que essa fase é anterior ao advento do ego.

eu ideal em que o sujeito se vale do verbo *ser* (Barros, 1997, p. 28). Como dissemos acima, trata-se de uma aspiração a ser alguém.

Quanto ao ideal do eu, vemos que ele é “a rigor o Outro, ou seu suposto desejo que determina um modelo, positivo ou negativo, para o sujeito”. (*Ibid*, p. 28). No caso de Marie-Chantal foi exatamente o fato de seu pai desaprovar o comunismo o que determinou sua escolha, mesmo como negativa. Já o *filhinho de papai*, o próprio significante já traz consigo a exterioridade do ideal. O que permite que o personagem seja o filhinho playboy é a existência do papai que sustenta isso (*Ibid*, p. 29).

No texto “As insígnias do ideal” (1958), Lacan questiona o que acontece com o sujeito feminino quando ele se identifica com o pai. Ele chega à conclusão de que a menina não se transforma no pai, mas ela demonstra esse processo identificatório através de sinais que ele denominou de insígnias do pai. Sendo em nível de ideal do eu, essa identificação justifica a mulher dizer: “faço isso ou aquilo, como meu pai fazia” (p. 306).

Ela permanecerá procurando uma identidade feminina junto àquela que também não tem um significante específico para si mesma, ou seja, sua mãe. Portanto, o complexo de Édipo na menina deixa um resto que não é abarcado pela dimensão fálica.

Se a função do pai consiste em introduzir o sujeito na lei fálica, e se o falo é um significante insuficiente para significar a feminilidade propriamente dita, então, a significação induzida pela metáfora paterna fica, necessariamente, sempre incompleta e não suficiente para atribuir a um sujeito o seu lugar de mulher.

Se lembrarmos que o falo e a castração são os ordenadores da sexualidade com relação a uma falta fundamental, se eles são os que organizam a sexualidade como campo do desejo, é possível prever que a mulher terá, em sua sexualidade, algo não atrelado ao falo e ao desejo. É exatamente o que Lacan definirá como “Édipo”.

Isso dá à relação da mãe com sua filha um caráter todo especial, pois, ambas são mulheres e, inevitavelmente estão mergulhadas no campo do mais além do falo. É por isso que Lacan definiu a posição feminina como não-toda submetida à lei do inconsciente (1972, p. 30).

É nesse registro do mais além do Édipo, onde as palavras não alcançam, que se encontra o que há de mais particular na sexualidade feminina. “A

identificação fálica só faz sublinhar a exclusão do ser feminino da representação” (André, 1998, p. 181).

Para bem localizar esta especificidade será preciso bem distinguir o campo do gozo com relação ao do desejo. É o que veremos no próximo capítulo.